

Alforje de Histórias: uma iniciativa de mediação de leitura literária nas escolas públicas do Estado do Ceará

Resumo

O Alforje de Histórias é uma estratégia de mediação da leitura literária criada pelo Eixo de Literatura e Formação do Leitor do Programa MAIS PAIC, uma iniciativa da Secretaria de Educação do Estado do Ceará destinada a professores e alunos do 3º ao 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. É constituído por jornadas de leitura em voz alta realizadas pelo professor, a partir de obras literárias previamente selecionadas. Trata-se de uma atividade sistematizada, realizada semanalmente nas instituições de ensino, com duração mínima de trinta minutos. Cada sessão do Alforje é dividida em dois momentos indissociáveis: a partilha oral do texto e a realização de um círculo de cultura a partir da narrativa partilhada. O objetivo deste trabalho é apresentar os quatro pilares que fundamentam a prática do Alforje de Histórias, bem como uma sugestão de sua realização a partir do livro, “Jaci, a filha da lua” (MORENA, 2015) que pertence ao acervo da Coleção PAIC Prosa e Poesia. Para a construção deste artigo, empregaram-se como procedimentos metodológicos a abordagem qualitativa e as contribuições de Jauss (1979), referentes à estética da recepção. Autores como Freire (2004), Zilberman (2009), Machado (2015), Yunes (2002) e Lajolo (1993) iluminam teoricamente este trabalho, além das publicações institucionais do referido programa. Os resultados revelam que o Alforje de Histórias tem apresentado significativa contribuição para o contato dos participantes com o texto literário, favorecendo diálogos a partir das leituras partilhadas e enriquecendo aspectos de fruição das obras. Dessa forma, apresenta-se como forte contributo para a formação de leitores literários no Estado do Ceará.

Palavras-chave: alforje de histórias; leitura literária; mediação de leitura; educação; formação de leitores.

Maria Elzilene Moreira Nóbrega e Oliveira

Universidade Estadual do Ceará –
UECE – Fortaleza/CE – Brasil
elzilenenobrega@gmail.com

Tâmara Maria Bezerra Costa Coelho

Universidade de Lisboa – Portugal
tamara@loop.com.br

Keila Andrade Haiashida

Universidade Estadual do Ceará –
UECE – Fortaleza/CE – Brasil
keilandrade@hotmail.com

Para citar este artigo:

OLIVEIRA, Maria Elzilene Moreira Nóbrega e; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa; HAIASHIDA, Keila Andrade. Alforje de Histórias: uma iniciativa de mediação de leitura literária nas escolas públicas do Estado do Ceará. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 249-279, maio/ago. 2022.

DOI: 10.5965/1984723823522022249

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723823522022249>



Saddlebag of Stories: a mediation initiative of literary reading in public schools in the State of Ceará

Abstract

The Saddlebag of Stories is a strategy of the mediation of literary reading created by the Axis of Literature and Training of the Reader of the MAIS PAIC Program, an initiative of the Secretary of Education of the State of Ceará aimed at teachers and students from the 3rd to the 5th year of the initial years of elementary school. The Saddlebag of Stories is made up of reading journeys out loud performed by the teacher, from previously selected literary works. It is a systematic activity, held weekly at educational institutions, with a minimum duration of thirty minutes. Each Saddlebag session is divided into two inseparable moments: the oral sharing of the text and the realization of a circle of culture from the shared narrative. The objective of this work is to present the four pillars that underlie the practice of the Saddlebag of Stories, as well as a suggestion of its realization from the book, “Jaci, a filha da lua” (MORENA, 2015) which belongs to the collection of the PAIC Prose and Poetry Collection. For the construction of this article, it was used as methodological procedures the qualitative approach and the contributions of Jauss (1979), referring to reception aesthetics. Authors such as Freire (2004), Zilberman (2009), Machado (2015), Yunes (2002) and Lajolo (1993) theoretically illuminate this work, in addition to the institutional publications of the aforementioned program. The results reveal that the Saddlebag of Stories has made a significant contribution to the contact of the participants with the literary text, favoring dialogues based on shared readings and enriching aspects of enjoyment of the works. In this way, it presents itself as a strong contribution to the formation of literary readers in the State of Ceará.

Keywords: saddlebag of stories; literary reading; reading mediation; education; training of readers.

Alforja de Cuentos: una iniciativa de mediación de lectura literaria en escuelas públicas del Estado de Ceará

Resumen

La Alforja de Cuentos es una estrategia de mediación de lectura literaria creada por el Eje de Literatura y Formación de Lectores del Programa MAIS PAIC, una iniciativa de la Secretaría de Educación del Estado de Ceará dirigida a profesores y estudiantes del 3º al 5º año de los años iniciales de educación fundamental. Consiste en jornadas de lectura en voz alta realizadas por el profesor, a partir de obras literarias previamente seleccionadas. Es una actividad sistemática, realizada semanalmente en las instituciones educativas, con una duración mínima de treinta minutos. Cada sesión de la Alforja se divide en dos momentos inseparables: la puesta en común oral del texto y la realización de un círculo de cultura a partir de la narrativa compartida. El objetivo de este trabajo es presentar los cuatro pilares que sustentan la práctica de la Alforja de Cuentos, así como una sugerencia de su realización a partir del libro, “Jaci, a filha da lua” (MORENA, 2015) que pertenece a la colección de la Colección PAIC Prosa y Poesía. Para la construcción de este artículo se utilizó como procedimientos metodológicos el enfoque cualitativo y los aportes de Jauss (1979), referentes a la estética de la recepción. Autores como Freire (2004), Zilberman (2009), Machado (2015), Yunes (2002) y Lajolo (1993) iluminan teóricamente este trabajo, además de las publicaciones institucionales del citado programa. Los resultados revelan que la Alforja de Cuentos ha contribuido significativamente al contacto de los participantes con el texto literario, favoreciendo diálogos a partir de lecturas compartidas y aspectos enriquecedores del disfrute de las obras. De esta manera, se presenta como una fuerte contribución a la formación de lectores literarios en el Estado de Ceará.

Palabras clave: Alforja de Cuentos; lectura literaria; mediación de lectura; educación; formación de lectores.

Introdução

Sabemos que, ao longo da sua história, a escola vem promovendo o contato do aluno com o texto literário nos diversos seguimentos do ensino. A literatura é apontada como campo de aprendizagem, e um dos eixos estruturantes da prática educativa nos parâmetros curriculares, nas diretrizes de ensino, e em vários outros documentos oficiais brasileiros, criados para orientar o trabalho didático. Observamos o destaque da literatura também em currículos escolares, propostas pedagógicas e outros referenciais destinados ao trabalho do professor na escola. A historiografia da literatura nos revela que há muito vem se discutindo e contestando a forma como o texto literário é apresentado, principalmente, em relação à sua apreensão estética nos ambientes educativos. Dessa forma, muitos autores criticam o uso equivocado da obra literária e o distanciamento do seu entendimento enquanto obra e arte.

A falta de oportunidade no espaço escolar para a apreciação de elementos estéticos, a escassez de propostas dialógicas para apresentação dos textos e, principalmente, a didatização equivocada são apontados por diversos autores como aspectos desfavoráveis à formação do leitor literário, gerando desgaste e perda de sentido na relação entre leitor e obra. Essa preocupação com a formação de leitores é uma constante nas instituições educacionais, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental. Compreendemos que o discurso da importância da leitura em sala de aula está consolidado na formação inicial e na formação continuada dos professores, porém, percebemos um distanciamento entre esse discurso e a efetivação de um espaço favorável à leitura literária na prática pedagógica, tanto nos processos formativos, como na rotina de atuação do educador e no planejamento para a realização da leitura.

As estratégias para a leitura literária em sala de aula estão, em sua maioria, diretamente relacionadas aos trechos de obras presentes nos livros didáticos, aspecto que reduz essa ação leitora ao didatismo, ou seja, ela é voltada especificamente para o objetivo de ensinar normatividade gramatical, historiografia literária, biografia de autores, estudo dos gêneros e estrutura dos textos, e, no caso do trabalho com a obra em si, este fica reduzido ao preenchimento de fichas de leituras ou resenhas, que nada mais são do que recursos aferitivos da leitura por parte do aluno.

Identificamos essas práticas como tradicionais e ineficazes para a formação do leitor literário, considerando que favorecem o estudo e análise do texto, porém pouco possibilitam aproximação subjetiva entre leitores e obras, não incentivam o interesse pelo universo narrativo, e, muito menos, promovem diálogos sobre a narrativa em questão. O resultado desses métodos que exclusivamente didatizam a leitura literária é uma crise nas instituições educacionais no que se refere à formação do leitor literário, há muito demonstrada em estudos acadêmicos e no contexto escolar do país, gerando recorrentes tentativas de superação por meio de políticas públicas, em sua maioria, pouco eficazes.

O retrato da ineficiência da formação de novos leitores literários não poderia ser diferente no Estado do Ceará, visto que as políticas nacionais de incentivo à leitura literária mostraram-se pouco eficientes ao longo da nossa história tendo, entretanto, conquistado um considerável avanço no período de 12 anos dos governos dos ex-presidentes Luís Inácio Lula da Silva (2003 – 2011) e Dilma Rousseff (2012 – 2016). Porém, atualmente, tais políticas vêm sofrendo fortes retrocessos, principalmente, a partir do atual governo em que foi proposto um programa de leitura que deslegitima o caráter literário e fabuloso das histórias para crianças, e moraliza explicitamente contos de fadas, na tentativa de impor uma função pedagógica à história, visto que, não apresenta aspectos que considerem a leitura literária como um bem cultural e, um direito de todos, apresentando-se como uma estratégia exclusiva para atender a proposta do ensino domiciliar.

O fato é que a história brasileira nos revela uma grande soma de tentativas de implementação de políticas favoráveis à formação de leitores para os ambientes educativos. Seria incoerente afirmarmos que não tivemos práticas exitosas, visto que existem experiências em âmbito nacional, como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – Proler¹. Porém, são poucas ainda as ações e estas foram descontinuadas pelos governantes que se sucederam. Contudo, algumas ações de entidades governamentais e não governamentais do Estado do Ceará vêm sendo promovidas há mais de uma década,

¹ O Programa Nacional de Incentivo à Leitura foi instituído sob o decreto nº 519, de 13 de maio de 1992, e apresenta os seguintes objetivos: promover o interesse nacional pelo hábito da leitura; estruturar uma rede de projetos capazes de consolidar, em caráter permanente, práticas leitoras e criar condições e acesso ao livro. O PROLER está vinculado à Biblioteca Nacional. Para mais informações, acesse o site: <https://www.bn.gov.br/>

no sentido de ultrapassar essa crise na formação de novos leitores. Neste trabalho, evidenciaremos a implantação da política pública do Programa MAIS PAIC², que tem a formação do leitor literário como um dos principais eixos de atuação, a partir do objetivo de transformar o Ceará em um estado de leitores.

A mobilização em busca de romper com o ciclo histórico de não leitores ganhou marco significativo no Ceará em 2004, quando foi criado o Comitê Cearense para Eliminação do Analfabetismo Escolar, uma iniciativa da Assembleia Legislativa do Estado, em parceria com universidades e diversas outras instituições não governamentais (CEARÁ, 2012). A força tarefa foi organizada com o objetivo de investigar e encontrar saídas para a problemática do analfabetismo, principalmente, para o grande número de alunos não leitores identificados nas escolas públicas do Ceará. A partir dos trabalhos realizados pelo comitê foi implantado o Programa Alfabetização na Idade Certa – PAIC. Em 2007, o PAIC transformou-se em uma política pública de Estado, assumida pela Secretaria da Educação - SEDUC em regime de cooperação com os 184 municípios cearenses.

O singular ano de 2020 apresenta a soma de 12 anos de implantação da política pública, com significativas mudanças percebidas na história do programa, que continua desenvolvendo ações para atender às demandas educacionais dos municípios. Em 2011, o nome do programa foi alterado para PAIC +, com a inclusão do 5º ano em suas ações e, em 2015, passou a se chamar MAIS PAIC, nomenclatura empregada até hoje, a partir da ampliação das ações para as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

O MAIS PAIC se estrutura nos seguintes eixos: 1. Eixo de Gestão – promove ações para a equipe que gerencia o programa nos municípios, com foco nos resultados das aprendizagens; 2. Eixo do Fundamental I – desenvolve ações específicas para as turmas de 1º ao 5º ano, como formações para professores e elaboração de cadernos de atividades; 3. Eixo do Fundamental II – oferece ações específicas para as turmas do 6º ao 9º ano, bem como, ações para os professores e técnicos das secretarias; 4. Eixo de Educação Infantil – responsável pelas atividades direcionadas ao ensino de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas e aos formadores municipais que atuam com essa faixa etária; 5. Eixo de Literatura e Formação do Leitor – desenvolve ações

² Para mais informações sobre o programa, acesso o site: <https://idadecerta.seduc.ce.gov.br/>.

formativas sobre a mediação da leitura literária, favorece a democratização e o acesso aos livros literários com a publicação de autores cearenses, e oportuniza oficinas para dinamização do acervo; 6. Eixo de Avaliação Externa – fomenta ações e orientações no âmbito da avaliação.

A escrita deste trabalho realiza um recorte específico em uma das principais ações do Eixo de Literatura e Formação do Leitor, pelo fato de as autoras atuarem diretamente no campo do referido eixo, tanto planejando suas ações junto à equipe na SEDUC, como desenvolvendo ações formativas, tais como: planejamento de ações diversas, indicação de obras literárias, e elaboração do material teórico-metodológico de suporte para a atuação de formadores e de educadores que estão em sala de aula.

Optamos por apresentar este recorte específico na proposta intitulada Alforje de Histórias, uma estratégia de leitura literária implantada em 2017 para as turmas de 3º ao 5º ano do ensino fundamental, a partir de uma concepção pautada na homologia dos processos didáticos, estratégia de formação que atua sustentada pela formação do formador, uma perspectiva que se opõe às noções de transmissão do conhecimento e da visão do professor como mero replicador de propostas pedagógicas, visando garantir coerência e significado nos atos de ensinar e aprender. Logo, o objetivo deste trabalho é apresentar os quatros pilares que fundamentam a prática do Alforje de Histórias, bem como, uma sugestão de sua realização a partir do livro, *Jaci, a filha da lua*. (MORENA, 2015) que pertence ao acervo da Coleção PAIC Prosa e Poesia.

A proposta da sistematização de jornadas semanais de leitura literária partiu da identificação da necessidade de que fossem contemplados momentos favoráveis para a promoção da leitura, para a apreciação de obras, e para incentivar a participação e expressão dos sujeitos envolvidos. Portanto, o Alforje de Histórias foi idealizado na perspectiva de promover o encantamento pelo universo literário e a ampliação do repertório de leituras, tanto de professores, quanto de alunos. Acredita-se que, por meio da interação estética com as obras partilhadas em voz alta pelos professores, esses alunos identificarão a literatura como um elemento afetivo em seu convívio social.

A perspectiva deste artigo é, portanto, destacar o Alforje de Histórias como uma estratégia de leitura literária que favorece a interação entre alunos e obras, que atua a partir dos aspectos empáticos e estéticos do texto, além de promover diálogos

estabelecidos em círculos de cultura. Toda essa dialogicidade entre mediador, obra e apreciador acaba por incentivar o professor a planejar essa leitura com antecedência, mergulhar antecipadamente nos próprios campos de significação literária e buscar antigas e novas leituras, de forma que esse momento de mediação inicia na seleção da obra literária desse professor que, a partir de suas experiências, conhecimentos e contextos organiza uma nova experiência de leitura com os alunos.

Caminhos metodológicos

Para a escrita deste trabalho, utilizamos os materiais teórico-metodológicos produzidos para as formações do Eixo de Literatura e Formação do Leitor, realizadas com os formadores regionais, no período entre os anos de 2017 e 2018. Para tal, foram efetuados 12 encontros de formação presencial, com foco em estratégias de leitura literária enquanto mediação de leitura, com destaque para implantação e sistematização do Alforje de Histórias.

As formações foram realizadas com base em três momentos: estudo de um texto teórico que iluminou o tema específico de cada encontro; vivências de exercícios que favoreceram aspectos da narração oral para a partilha dos textos; e a realização de uma sessão do Alforje de Histórias com os(as) formadores(as), atendendo aos aspectos homológicos da formação. A partir de cada um desses encontros, a equipe de formadores(as) discutiu a proposta, validou os guias de formação elaborados para cada uma das abordagens específicas e, em seguida, realizou a formação com o seu grupo de educadores, em cada um dos polos municipais distribuídos em todo o Estado do Ceará. Os formadores municipais, por sua vez, realizaram a formação com os professores, de acordo com a disponibilidade de tempo de cada realidade.

Para a realização do trabalho com o Alforje de Histórias, foram necessárias as contribuições de Hans R. Jauss (1979), a partir do seu conceito de estética da recepção, compreendendo que o terceiro elemento do circuito literário, o leitor, é fundamental para a promoção do diálogo sobre a obra, principalmente, no que se refere ao fortalecimento do potencial humanizador que a leitura é capaz de suscitar, considerando

o deslocamento do objeto de investigação que, outrora, fora o texto, agora passa a ser o sujeito que entra em contato com esse texto.

As argumentações de autores como Freire (2004), Machado (2015), Yunes (2002) e Lajolo (1993) foram fundamentais para sustentar toda essa jornada de formação, que, constantemente, buscou utilizar e problematizar as mesmas estratégias indicadas para serem aplicadas com os alunos no cotidiano da sala de aula. Destacamos a obra de Regina Zilberman (2009) e sua vasta contribuição sobre a importância da literatura para as experiências humanas, seus argumentos sobre a relevância da leitura para o ambiente escolar e, em especial, suas publicações sobre a mediação de leitura na formação de novos leitores.

Zilberman nos diz que a leitura “sendo uma imagem simbólica do mundo que deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada” (2009, p. 33). Portanto, compreendemos que a leitura dialoga com o leitor através das suas experiências, e é nessa relação que ele preenche os interstícios que a literatura propositalmente nos designa, principalmente, em obras de aspectos estéticos com qualidade, pois promove um efeito catalisador, reflexões, inquietações, compreensões e revela as diversas experiências e dimensões da vida humana.

Para Eliana Yunes é preciso expandir a capacidade leitora dos indivíduos, o que “significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico” (2002, p. 54). A partir do argumento da autora, compreendemos que, no Alforje de Histórias, devemos ir muito além de apresentar obras literárias apenas para cumprir o que determina o currículo e a rotina escolar, ou mesmo partilhar o texto para entreter as crianças. Nosso compromisso é apresentar o texto literário enquanto obra de arte, ou seja, promover sentidos e expandir a capacidade leitora de cada aluno e de cada professor.

A partir do Alforje de Histórias, defendemos que a leitura literária em sala de aula cumpra a função de promover sentidos para os leitores, aproximando-os da história. Mas, para isso, é necessário o planejamento do professor responsável pela mediação dessa leitura, de forma que não seja mais uma atividade de cunho pedagógico tradicional,

focada em valorizar registros escritos e atividades avaliativas. A experiência com esses grupos de educadores fortaleceu nossa crença de que, para favorecer a formação de leitores nas escolas, é imprescindível a construção de sentidos por meio de uma verdadeira imersão no universo literário.

O eixo de literatura e formação do leitor

O eixo foi criado juntamente com o programa PAIC e inicialmente chamava-se Eixo de Literatura Infantil de Formação de Leitores (CEARÁ, 2016). Com a transformação do PAIC em MAIS PAIC, passou a ser chamado de Eixo de Literatura e Formação do Leitor para contemplar os anos iniciais e finais do ensino fundamental. É o único que está presente em todos os outros eixos do programa, na perspectiva de transversalizar a atividade de formar leitores literários com as demais atividades desenvolvidas no MAIS PAIC.

O objetivo do eixo dentro da política pública é “de formar leitores e fomentar o gosto pela leitura” (CEARÁ, 2012, p. 135), através de ações como: organização de um espaço temático de leitura nas turmas de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental do estado; dinamização do acervo literário; formação de professores sobre mediação de leitura literária; partilhas e projetos relacionados à literatura; e publicações de autores cearenses.

Na proposta do eixo, um dos caminhos para o incentivo à formação de leitores atravessa a democratização e o acesso aos livros. Por essa razão, foi implantada a criação de acervos, que se dividiu em dois caminhos: aquisição de livros publicados por diversas editoras; e publicação de livros de autores cearenses. Prevaleceu a publicação de obras inéditas de autores locais, denominada de Coleção PAIC Prosa e Poesia, uma partilha democrática de autores e narrativas que fortalecem a cultura nordestina. Até o ano de 2018 (último ano de publicação), foram publicadas 18 coleções, sendo que cada coleção é composta por 12 títulos. Logo, foram distribuídos entre as turmas das escolas públicas do Ceará 216 títulos de obras literárias destinadas às infâncias.

Inicialmente, as coleções eram divididas em duas categorias, porém, em 2011, com a inserção do 5º ano no programa, os títulos foram divididos em três categorias,

organização que permanece até hoje: categoria I – livros destinados para a educação infantil, em especial para o infantil IV e V; categoria II – livros para as turmas do ciclo de alfabetização, ou seja, 1º ao 3º ano; e categoria III – livros para as crianças dos 4º e 5º anos.

Em 2018, o Eixo de Literatura e Formação do Leitor lançou um edital inédito para a publicação de obras voltadas para o Fundamental II, denominada Coleção MAIS PAIC, MAIS Literatura, com o intuito de fortalecer a leitura literária nos anos finais do ensino fundamental. Foram selecionadas 15 obras para a categoria I (6º e 7º anos) e 15 obras para a categoria II (8º e 9º anos). Os 30 livros foram distribuídos gratuitamente nas instituições educacionais de todo o Estado do Ceará.

Além do compromisso de ampliar o acesso a obras literárias, o eixo desenvolve ações formativas com formadores regionais, educadores incumbidos de ministrar as formações nos respectivos polos, sendo estes, divididos por Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE; alguns encontros acontecem diretamente com os formadores municipais e, excepcionalmente, com os próprios professores, por meio da parceria estabelecida entre o estado e os municípios.

Ao longo dos 12 anos do programa, o eixo estabeleceu alguns projetos de incentivo à leitura literária, divididos nos seguintes segmentos: Educação Infantil: vamos entrar na roda! – oferece orientações sobre a prática pedagógica, elabora materiais e realiza formações para formadores da educação infantil e do ciclo de alfabetização do estado (1º e 2º anos); Alforje de Histórias – proposta abordada neste trabalho e direcionada para as turmas de 3º ao 5º ano, com pilares que sustentam a prática da leitura literária em sala de aula; e o Ciclo de Leitura MAIS PAIC – proposta de leitura literária elaborada para adolescentes dos anos finais do ensino fundamental.

Alforje de Histórias: uma estratégia de leitura literária para turmas do 3º ao 5º ano

Na perspectiva de criar sentido à presença da literatura nas instituições educacionais públicas do Ceará, atuando a partir do favorecimento do deleite e fruição dos alunos, apresentamos nos anos de 2017 e 2018 uma proposta de sistematização da leitura literária em sala de aula, para as turmas do 3º ao 5º ano, com encontros semanais

dedicados exclusivamente à escuta e apreciação de textos literários, seguidos de conversas mediadas acerca da obra partilhada. A realização do Alforje de Histórias com os alunos é organizada e planejada pelo professor, com duração mínima de trinta minutos, ficando o tempo máximo a critério de cada educador e/ou coordenação pedagógica.

Acreditamos que o envolvimento do professor passa pela pesquisa e seleção de textos que sejam capazes de ampliar o imaginário dos leitores. Defendemos que, para a realização do Alforje, o professor dedique tempo para a preparação da leitura, com elementos que favorecem a partilha em voz alta de textos literários na sala de aula, de forma que possa promover sentidos e ampliar os campos de experiência das crianças, partilhando a obra escolhida como quem oferece um presente.

O Alforje de Histórias busca promover a ampliação de práticas literárias entre os participantes. Por isso, é fundamental investir em atividades de formação inicial e continuada para professores que oportunizem a vivência de experiências literárias e os incentivem a buscarem boas histórias para ler e partilhar com suas turmas. Destacamos que, nas situações de formação, constantemente havia incentivo para a promoção de uma leitura com qualidade, que começa com a escolha de um texto significativo, pois compreendemos que, o planejamento intencional, é responsável por uma partilha capaz de provocar encantamento. Desse modo, faz parte dos procedimentos do formador dessa proposta ler em voz alta para incentivar os professores, de forma que se inspirem e realizem as suas próprias leituras com os alunos. Portanto, a ação de partilhar textos, com qualidade estética e literária, no início dos encontros das formações, fez parte de todo o processo, e é compreendida como uma prática usual, afetiva e eficaz.

Entendido como uma forma de favorecimento da linguagem como processo de interação social, o Alforje de Histórias proporciona um mergulho afetivo no universo literário, favorecendo que crianças, do 3º ao 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, adentrem nos campos expressivos de uma história, configurando-se como parte importante entre as que integram os propósitos para o ensino da língua portuguesa do Programa MAIS PAIC.

Alforje de Histórias: encontros literários onde sopram bons ventos

Alforje é um tipo de acessório usado na labuta de muitos sertanejos. É semelhante a uma bolsa e, geralmente, coloca-o preso à sela do cavalo, em bicicletas ou, ainda, em motos para transportar pequenos objetos e animais. No Ceará é um item indispensável para vaqueiros e outros sertanejos, sendo geralmente confeccionado em couro.

No conto *A madrugada*, que na verdade trata-se da apresentação do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (2008), o escritor Jorge Amado narra uma história para apresentar outra. Ele nos conta que a Manhã apaixonou-se pelo Vento porque ele lhe contava histórias. O Vento, segundo o autor, é “bisbilhoteiro e audacioso, rei dos andarilhos, rompendo fronteiras, invadindo espaços, vasculhando esconderijos e carrega um alforje de histórias para quem queira ouvir e aprender” (AMADO, 2008, p. 19). Inspirados pelo Vento, que é um grande narrador oral, personagem apresentado pelo autor baiano, os encontros para partilhas orais de textos literários, realizados com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, foram carinhosamente intitulados de Alforje de Histórias.

Sistematizados na rotina semanal, os encontros do Alforje de Histórias acontecem, no mínimo, uma vez por semana, com sugestão de duração entre trinta e cinquenta minutos. Cada encontro deve ser planejado dentro de uma estrutura composta por dois momentos distintos e indissociáveis: leitura em voz alta de um texto literário e a organização de um círculo de cultura. O professor assume o papel do mediador que, tanto lê o texto para seu grupo de alunos quanto, também, antes ou depois da partilha oral, organiza uma roda de conversa sobre o texto partilhado, tomando como referência a metodologia do círculo de cultura, idealizado pelo educador Paulo Freire (2004).

Para esses encontros sistematizados que favorecem a partilha oral do texto literário, dentro dos pressupostos do ensino da língua portuguesa, está desvinculada de qualquer exploração didática da obra. Pautados na perspectiva de que a língua tem que ser entendida a partir das relações sociais e em suas possibilidades de interação, as atividades sistematizadas para a prática da leitura literária são desenhadas de forma que a literatura sempre se apresente viva e prazerosa, como objeto de fruição e deleite. O

etnólogo malinês Hampâté Bâ (2010) defende que a oralidade ocupa um lugar significativo na história da humanidade, ao afirmar que:

Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. (BÂ, 2010, p. 168)

O trabalho com o Alforje de Histórias parte da compreensão dessa importância da oralidade para uma proposta em educação, pois, para além de configurar-se como um dos conteúdos fundantes do trabalho com a língua, compreende que a oralidade é fundamental para a história humana. Portanto, a escolha pela leitura em voz alta é premissa básica da proposta do Alforje. Ainda para o etnólogo, “[...] a fala humana anima, coloca em movimento e suscita as forças que estão estáticas nas coisas” (BÂ, 2010, p. 173), ou seja, a palavra é viva. Dessa forma, o trabalho reúne textos orais, professores narradores e alunos ouvintes, justamente por compreender a importância dessa ‘palavra viva’ defendida pelo autor como fundamental para que esses textos criem ânimo, movimentem-se de forma afetiva e efetiva.

O Alforje de Histórias é sustentado pelo desafio de integração com os diversos acervos disponibilizados aos alunos e aos professores, sendo alguns destes: as Coleções PAIC Prosa e Poesia, os títulos do Plano Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), os acervos da biblioteca escolar e/ou do município. A intenção é que o trabalho para a fruição do texto literário possa dialogar com as ações das bibliotecas e dos demais espaços destinados para a leitura, além de estabelecer parcerias com projetos e programas promotores da leitura literária, presentes no município e nas comunidades do entorno escolar.

A proposta do Alforje de Histórias tem o mediador como o responsável por apresentar o texto literário na presente perspectiva. Para a ampliação da compreensão sobre o Alforje e para a identificação do lugar central desse mediador, organizamos um

desenho (Figura 1) capaz de ilustrar o papel central da mediação e explicitar os dois momentos que edificam a proposta:

Figura 1: Representação da intercessão entre as atividades do Alforje



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2017.

Conforme visto na figura 1, o Alforje de Histórias é uma estratégia que ressignifica a função do professor mediador da leitura em sala de aula, pois o mobiliza para realizar uma leitura com sentidos, partilhada em voz alta e, em seguida, propor uma roda de conversa com os alunos para que ampliem os sentidos da história, e, conseqüentemente, ampliem para si e acrescentem as suas experiências, enquanto sujeitos que constroem suas próprias aprendizagens.

Os quatro pilares que sustentam o Alforje de Histórias

As atividades pensadas para o Alforje de Histórias partem de uma orientação procedimental focada em quatro pontos fundamentais, sendo estes: escolher intencionalmente um texto literário capaz de interessar à faixa etária e atender ao universo de interesses dos alunos; apresentar a obra lida como um convite à sua apreciação, por meio de predição da mesma, bem como, oferecer as informações autorais e editoriais; ler em voz alta de forma envolvente e com o livro em mãos, por meio do conhecimento de elementos para o enriquecimento da oralização de textos

literários; ampliar os campos de experiência das crianças por meio de diálogos sobre a obra lida, a partir da organização de círculos de cultura. Dessa forma, foram elencados os quatro pilares que sustentam o trabalho: 1. Escolha da obra pelo professor; 2. Apresentação da obra aos ouvintes; 3. Leitura em voz alta com o livro em mão; 4. Organização do círculo de cultura.

1. Escolha da obra pelo professor

Para que o livro literário seja inserido no cotidiano das crianças, principalmente como referência de um bem cultural que cumpre uma função social, capaz de transportar leitores e ouvintes a outros lugares, de provocar a vivência de novas experiências, favorecer a descoberta de novos autores e ilustradores, além de ampliar seu repertório cultural, de palavras e leituras, foi necessário assegurar que, no Alforje de Histórias, a escolha da obra e a presença do objeto livro tivessem um destaque.

É comum que muitos professores manuseiem livros didáticos para realizar a leitura de trechos de obras, bem como, façam uso de cópias em PDF de livros literários. Compreendemos que essas práticas somam consequências para a formação do leitor, visto que, no primeiro caso, a obra presente no livro ou material didático geralmente não está completa, e também, é comum ser apresentada sem as ilustrações originais e sem o próprio suporte em que foi criado, revisado, editado, graficamente desenvolvido e ilustrado.

No caso das cópias, além de tratar-se de uma atitude que infringe a lei dos direitos autorais, desfavorece a apreciação estética do livro, visto que, geralmente, apresenta as ilustrações em preto e branco e no formato padronizado da folha de papel sulfite. Na cadeia produtiva de um livro, a editora e os autores concebem artisticamente o seu formato, o conjunto das cores, a seleção da tipografia, a organização do texto/imagens etc. Logo, quando um professor faz a leitura de uma cópia ignora o processo criativo de muitos trabalhadores, diminui as potencialidades da obra literária para a formação do leitor, desfavorece a apreciação das ilustrações e ainda não colabora financeiramente com o trabalho dos envolvidos na produção de um livro.

O Eixo de Literatura e Formação do Leitor distribuiu 216 livros ao longo dos 12 anos de implantação do programa MAIS PAIC. Contudo, só garantir o acesso aos livros não configura uma garantia para a formação de leitores, tendo em vista que é necessário que o livro esteja presente no cotidiano dos alunos, na rotina pedagógica e na prática do professor. A esse respeito, Marisa Lajolo (1993, p. 16) afirma que “a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social”.

A partir da argumentação da autora, compreendemos que, a importância da leitura em voz alta com o livro nas mãos do professor, inicia-se no processo de seleção da história que será compartilhada e que, para isso, o professor precisa dedicar tempo para ler e pesquisar muitas obras. Buscar um repertório de qualidade textual e estética é um procedimento importantíssimo para a atuação do professor no Alforje de Histórias. Dessa forma, buscamos ampliar as possibilidades para favorecer a presença do livro e das boas leituras nas escolas públicas do Estado do Ceará.

2. Apresentação da obra aos ouvintes

Muitas suposições acontecem em nossa mente antes da leitura de um livro. Quando se escolhe um texto para ler ou para ser compartilhado com alguém, como no caso do Alforje de Histórias, o leitor/ouvinte já antecipa muitas informações que podem estar presentes na história, pois ele levanta hipóteses ou mesmo elabora questões que espera serem resolvidas no desenrolar da narrativa. Na proposta do Alforje de Histórias, o objetivo da apresentação da leitura como um convite é levar o aluno a levantar expectativas sobre o conteúdo do texto, participando ativamente desde o início do processo.

Antecipar ou predizer o que vai ser lido costuma ser uma excelente proposta de ampliar o interesse pela obra e de incentivar o mergulho nos contextos narrados, trata-se de uma prática mediadora que costuma tornar essa leitura ainda mais eficiente. Inclusive, é uma etapa muito significativa na sequência básica de letramento literário proposta por Rildo Cosson (2016). A antecipação é uma estratégia muito importante dentro do Alforje, pois além de ocupar o lugar de convite para a escuta, ajuda a evitar a sobrecarga de informações a serem processadas durante a leitura. No momento da predição da obra, o

professor já abre os campos de possibilidades para a compreensão do texto, o interesse por ele, e a imersão do ouvinte pelo portal do mundo maravilhoso das histórias.

Durante a antecipação, as crianças são mobilizadas para ativar os conhecimentos prévios, partilhar suas hipóteses, criar inferências sobre as informações verbais e não verbais do texto, para que elas compreendam com mais facilidade a estrutura da narrativa. Assim, o levantamento de informações e/ou hipóteses antes da leitura, constitui-se como uma estratégia a ser usada pelo professor, fortemente capaz de contribuir com as atividades de compreensão dos textos.

Esse momento é muito mais significativo do que apenas apresentar a obra, informando o nome do autor, do ilustrador, da editora e outros aspectos editoriais. O uso da estratégia de predição atua em prol da relação do leitor com o texto, bem como, favorece o desempenho da compreensão leitora. Como a estratégia acontece com todas as crianças, ou seja, no coletivo, as hipóteses, os questionamentos e as afirmativas de um determinado aluno podem suscitar reflexões para todo o grupo. A partilha dessas informações favorece o exercício de ouvir, de ser ouvido e de respeitar a opinião do outro.

As crianças podem criar inferências a partir do apoio em pistas linguísticas deixadas no título pelo autor ou pelas ilustrações que compõem a obra literária. A partir dessas pistas, o aluno faz suposições, antecipações, previsões, enfim, predições sobre o conteúdo do texto ainda não lido. Cada comentário durante a apresentação da obra contribui para a criação de expectativas individuais, mas que também reverberam em toda a turma. Portanto, a aventura começa com a apresentação da obra na roda.

3. Leitura em voz alta com o livro em mão

A leitura em voz alta com o livro ou outro suporte confiável em mão é apontada como uma diretriz central da proposta do Alforje de Histórias. Ou seja, elegeu-se esse procedimento como ação estruturante para a sistematização da atividade no cotidiano da escola. Para tanto, foi necessário oferecer suporte fundamentado para que a leitura em voz alta se tornasse uma prática legítima e capaz de favorecer os campos expressivos dos textos para que fossem contemplados pela voz do professor, e, dessa

forma, ampliar os elementos estéticos necessários à fruição dos textos. Ao fazer essa escolha, dá-se lugar a um procedimento de mediação de leitura que, costumeiramente, já é realizado no cotidiano escolar: a leitura de um texto literário em voz alta, seguida de conversas sobre a história. Porém, a decisão foi pautada no pouco entendimento desses procedimentos como recursos favoráveis ao processo de formação de leitores literários, ou mesmo capazes de provocar encantamento pela leitura.

Destacamos que, o termo *leitura em voz alta*, não é um consenso entre estudiosos e pesquisadores, visto que, para alguns, a leitura em voz alta está vinculada ao ato de explicar a própria leitura, como faziam e ainda fazem os pastores, padres e outros pregadores religiosos. Para Bajard, o ato de realizar esse tipo de leitura em sala de aula é nomeado de “transmissão vocal do texto” (2002, p. 73), já que a voz alta se refere ao dizer, oralizar. Para esse autor, a proferição de um texto lido em voz alta não corresponde à atividade de ler propriamente dita, mas é uma atividade de emissão sonora. Porém, o estudioso francês Roger Chartier (2009) menciona a expressão leitura em voz alta em seus estudos sobre a história da leitura, de forma a identificar a presença de uma audiência, ou seja, a leitura realizada oralmente para um grupo de ouvintes.

Por ser um termo popular entre os professores do país e, principalmente, por acreditarmos que a denominação ‘transmissão’ não contempla satisfatoriamente as práticas de leitura literária em sala de aula idealizadas com a proposta do Alforje, além de provocar uma confusão com o termo da pedagogia tradicional sobre a transmissão do conhecimento, fez-se a escolha intencional de se empregar o termo “leitura em voz alta”. Assim, concorda-se com Brenman quando afirma que para a “leitura em voz alta, portanto, está sendo considerada aqui a técnica performática que o leitor executa quando se põe a veicular, por meio de sua voz, um fluxo narrativo oferecido ao outro, que o recebe por meio da audição e da visão” (2012, p. 56).

4. Organização do círculo de cultura

A partir da obra do educador Paulo Freire (2004), o círculo de cultura ocupa um lugar preponderante na realização do Alforje de Histórias, visto que se trata da oportunidade de dialogar sobre o texto, sobre os sentimentos despertados, inquietações e apreciações, bem como, sobre a experiência vivida pelos alunos. Ao organizar a roda de

conversa mediada, o professor, no papel de animador do grupo, promove o trabalho, administra o tempo e orienta os participantes. Sua maior qualidade pedagógica é o incentivo ao diálogo. Vale evidenciar que esse momento de diálogo também acontece com o objetivo de expandir os campos de experiência das crianças, preferencialmente, privilegiando o contato com outras linguagens da arte que dialoguem com o texto literário partilhado.

Para Paulo Freire, o círculo de cultura constitui-se uma estratégia fundamental da educação libertadora. Nessa perspectiva, não haveria lugar para o professor bancário, que tudo sabe, nem para um aluno passivo, que nada sabe. O círculo de cultura, portanto, “é um lugar onde todos têm a palavra, onde todos leem e escrevem o mundo. É um espaço de trabalho, pesquisa, exposição de práticas, dinâmicas e vivências que possibilitam a construção coletiva do conhecimento” (FREIRE, 2004, p. 148). As metodologias educativas participativas, principalmente a vivência do círculo de cultura, indicada na obra do educador, estão inseridas na proposta do Alforje de Histórias como um espaço de promoção do diálogo com o texto e sobre o texto partilhado. É uma proposta de intervenção educativa, cujo objetivo é oportunizar que todos tenham o direito de manifestar suas ideias e opiniões, dentro de um espaço educativo.

A proposta do professor Paulo Freire (ao apontar o círculo de cultura, e descrever suas finalidades e organização) é que se promovam experiências coletivas de diálogo em diversos espaços educativos. Trata-se de uma ação metodológica e fonte primária de inúmeras experiências em educação, voltada para espaços coletivos de diálogo. Mesmo sendo uma obra escrita há tanto tempo, ao mergulhar nos fundamentos que sustentam a concepção freireana que envolve práxis, trabalho, necessidade, diálogo, totalidade e transformação social, identificamos sua pertinência e atualidade. Essa é a razão pela qual a realização dos círculos de cultura é indicada na proposta.

O círculo de cultura dentro do Alforje se configura como um espaço para se conversar sobre a leitura literária, e, principalmente, sobre a vida, a partir da história proposta, antes ou depois da sua apreciação. Idealiza-se, por meio do Alforje de Histórias, a sistematização de jornadas literárias para apreensão estética do texto, favorecendo assim a palavra dialógica proposta por Paulo Freire. O professor, no papel de mediador, elabora perguntas para suscitar e instigar as crianças ao exercício da reflexão sobre a

leitura e suas implicações para a vida, e não para saber quem é o autor, quais personagens, os cenários e outros pontos óbvios do texto. Uma pergunta comumente feita de forma simples, objetiva e que promove o diálogo no círculo de cultura é: “O que vocês sentiram ao ouvirem a história deste livro?”.

Os campos de experiência

Os quatro pilares do Alforje de Histórias, acima detalhados, foram estruturados com o objetivo de formar leitores literários e ampliar os campos de experiência das crianças, por meio da leitura, principalmente, durante a realização do círculo de cultura. O professor mediador, ao abordar assuntos relacionados à leitura da história ou a determinado acontecimento e/ou experiência vivida pelas personagens, apresenta para os alunos outras e novas fontes de conhecimentos.

De acordo com a proposta do Eixo de Literatura e Formação do Leitor, documento referência para o trabalho com o Alforje, a apreciação do texto literário em sala de aula “atende esses preceitos de favorecer a expansão dos Campos de Experiência, por se tratar de um processo educativo que considera as trocas entre: criança – criança e adulto – criança, também nas séries iniciais do ensino fundamental” (CEARÁ, 2016, p. 33).

Os campos de experiência são contribuições das Indicações Curriculares para a Primeira Infância da Itália (2007) e estão na Base Nacional Comum Curricular (2017) estruturando a organização do currículo da educação infantil em cinco campos. O Alforje de Histórias foi pensado para ser sistematizado em salas de aula dos anos iniciais do ensino fundamental, porém, aproveitamos a concepção dos campos e experiência de autores que fundamentam o trabalho na educação infantil, compreendendo essa criança, aluno dos anos iniciais, em sua inteireza, em busca de favorecer uma aprendizagem mais significativa para o momento da leitura. Em todo caso, os conceitos de campos de experiência influenciam na organização dos campos de atuação, presentes na BNCC (2017), voltados para a organização das práticas de linguagem do ensino fundamental.

No Alforje de Histórias, ampliar os campos de experiência significa ampliar as possibilidades de interpretar o texto, refletir criticamente sobre a temática da obra, observar as diferentes perspectivas em relação à leitura, compreender o contexto

sociocultural da produção do livro, ampliar e criar um repertório de leitura diversificado em gêneros e estilos literários e, principalmente, apreciar a obra literária valorizando os aspectos estéticos do texto.

A arte de contar histórias: um suporte fundamental para o processo de formação do Alforje de Histórias

Como uma das formas de fortalecer a sistematização do Alforje de Histórias, as jornadas de formação de professores mediadores foram elaboradas com o objetivo de contribuir diretamente para a atuação do professor com o seu grupo de alunos. Dentro dessa jornada formativa, destacamos, em especial, as diversas possibilidades de realizar uma leitura em voz alta. Um dos principais conteúdos da formação está relacionado aos procedimentos de busca, preparo e partilha dessa leituras, enfatizando que necessitam ser antecipadamente planejadas, de forma a minimizar dificuldades comumente encontradas nos momentos de partilha, tais como: selecionar uma palavra que desconhece o significado e/ou que não consiga pronunciar corretamente; identificar os campos expressivos da história para escolher o ritmo da leitura; observar a relação entre ilustrações e texto; elaborar perguntas para o momento do círculo de cultura e, principalmente, identificar se gosta ou não da obra literária, visto que a seleção de obras faz parte dos procedimentos de um formador de leitores.

O planejamento também favorece que a leitura do texto escrito se transforme em palavra viva. Isso acontece quando o professor emprega entonações, pausas, gestos e olhares intencionalmente escolhidos no momento da leitura, aspectos muito presentes na arte de contar histórias, uma prática de referência para a concepção do Alforje de Histórias. Para a realização dessas formações, elaboraram-se diversas vivências a partir da prática dos contadores de histórias, compreendendo-os como capazes de favorecer a exploração de elementos expressivos, por meio do emprego das emoções, desenvolvimento do ritmo da leitura e desenvoltura ao realizá-la para os alunos em sala de aula.

O primeiro elemento que favorece a leitura em voz alta na sala de aula é a projeção da voz pelo professor ao ser ouvido pelos alunos, considerando tratar-se de um aspecto capaz de comprometer o acesso ao texto, podendo, de fato, interferir em sua

apreciação plena. Para isso, é importante que o educador planeje o espaço em que compartilhará a leitura do livro. A organização do espaço também está no campo de procedimentos desse educador, compreendendo que a sala de aula, ou outro lugar escolhido para a sessão, constitui-se como um espaço educador, favorável ou não à apreciação da audiência.

Todo esse campo argumentativo deve-se ao fato de intensificar a importância de que o texto seja alcançado por todos com plena condição de escuta. Dessa forma, o professor é orientado a organizar o espaço como favorável à realização da leitura, sem interferências sonoras, dificuldades de visão e outros aspectos. Trata-se de uma questão que parece óbvia, porém, durante o acompanhamento das turmas de formação, identificou-se que alguns professores ainda leem em tom baixo, provocando desinteresse nos apreciadores, já que a leitura inaudível se torna incompreensível e pouco atrativa.

Outro elemento significativo para a preparação oral dos textos é a entonação da voz do professor. A entonação (entoação) se configura como o recurso vocal responsável por criar um efeito sonoro capaz de influenciar a construção imagética dos ouvintes. Uma boa entonação provoca a atenção dos ouvintes e favorece a criação subjetiva de paisagens, das personagens, dos acontecimentos, das sensações e dos sentimentos, a partir do que está sendo narrado.

A entonação é empregada por meio de auxílios vocálicos, como a modulação da voz (alteração do volume, altura, tonalidade, frequência e timbre), inflexão para outras intenções, estabelecimento de ligação promovido por pausas breves ou longas e instantes de silêncios. Todos esses aspectos vão ampliando as possibilidades de os ouvintes penetrarem nas paisagens da história. Porém, destaca-se que é uma escolha do professor, por exemplo, modular a sua voz para identificar a bruxa, a avó, a menina, o príncipe, bem como, os climas de suspense, paixão, pressa etc.

Em muitas histórias, a entonação é aplicada para a demarcação das falas das personagens, de forma que o ouvinte possa diferenciar a voz do narrador da voz de determinado personagem, bem como a diferença entre um personagem e outro. Nessas diferenciações que exigem inflexões diretas, é também muito comum o emprego do recurso da pausa, que de forma discreta e sem estereótipos pode criar um interstício

entre passagens da história, fala de personagens e momentos significativos da trajetória da narrativa.

Ainda em relação ao preparo da leitura, por meio da escolha do emprego de entonação, é importantíssimo que o professor destaque as emoções que as palavras da história carregam, tais como amor, raiva, dor, saudade, tristeza e outras, cada uma no seu significado em si, porém, muito influenciadas pelo contexto. Em todo o processo de formação dos mediadores do Alforje de Histórias, sugere-se que eles busquem suas próprias experiências em relação a esses sentimentos, de forma que possam demonstrar para os alunos intimidade e apreço pelo que está sendo narrado. Para Celso Sisto “a função maior da voz é oferecer estímulos para levar o ouvinte a ver (também com a imaginação) e sentir o que está sendo narrado” (2012, p. 111). Em uma história alegre, por exemplo, é necessário pensar na alegria de um momento vivido para transmitir com vivacidade e realismo as sensações sugeridas na leitura.

O ritmo da história é um elemento que enriquece a leitura em voz alta. Cada história apresenta um ritmo, tais como: as histórias de amor têm uma cadência mais pausada, assim como as histórias de assombros. Já as histórias engraçadas ou de aventuras, geralmente apresentam um ritmo mais agitado. O ritmo reconhecido pelo professor e empregado na partilha da história, favorece que as crianças passem por ela, criando imagens e despertando sentimentos, conduzidas pelas palavras lidas por seu professor. Uma das orientações para a realização de um Alforje é que os professores não interrompam a leitura para explicar algo, esclarecer o significado de uma palavra ou mesmo convocar a atenção de um aluno, pois essas interrupções quebram o ritmo instaurado pela leitura, desfaz o encanto e acaba com o passeio simbólico das crianças.

Através das pausas e dos silêncios, o professor enriquece o ritmo das histórias lidas em sala de aula. Uma leitura muito rápida, sem qualquer emprego na modulação da voz, feita de forma monocórdica e pouco expressiva, impossibilita que os alunos criem imagens e interesses pela narrativa. E, ao contrário, uma leitura lenta dispersa a atenção, provocando pouco entusiasmo e até mesmo inquietação. Para Regina Machado, “a cadência é o ritmo, a respiração do contador de histórias, em consonância com a “respiração da história” (2015, p. 103). Logo, o professor precisa experimentar diferentes ritmos para as histórias que serão partilhadas em voz alta e verificar qual deles combina

com cada uma e consigo mesmo, já que a sua respiração dialoga com a respiração da história.

Regina Machado (2015) ainda acrescenta que, para a realização de uma leitura em sala de aula, o professor deve buscar seus recursos internos visando oferecer a narrativa de forma plena, favorável ao mergulho na paisagem do conto. Para empregar emoções e ritmo à leitura, o professor busca essa verdade em suas experiências particulares. Logo, inexistem receitas prontas para o planejamento que favoreça a leitura em voz alta; cada elemento atravessa a subjetividade de cada professor.

Diante de toda essa reflexão, bem como, iluminadas pelas palavras de autores que pesquisam e escrevem sobre a arte de contar histórias, literatura oral e partilhas literárias, para a implantação do Alforje de Histórias foi imprescindível toda essa jornada formativa que privilegia o emprego de elementos favoráveis à leitura em voz alta, de forma a se tornar envolvente e incentivar a formação de leitores. Machado ainda explica que:

Quando uma professora fica frustrada porque as crianças não prestaram atenção à sua história, ela precisa saber que isso aconteceu não porque não é dotada, e sim porque não se preparou adequadamente. E que essa preparação é acessível, desde que certos princípios e pontos de referência sejam estabelecidos para que ela possa trilhar um caminho de aprendizado, não para que se torne uma contadora de histórias excepcional, mas para que possa realizar um trabalho eficiente, que permita que seus alunos se beneficiem com a experiência de escutar histórias. (MACHADO, 2015, p. 107)

Como a estratégia de leitura proposta pelo Alforje de Histórias se configura na esteira da literatura como um direito para os alunos, é fundamental que a leitura em voz alta seja previamente planejada e que os professores busquem trazer elementos significativos para que os direitos dos ouvintes sejam assegurados. Todo leitor em formação merece viver uma experiência de leitura prazerosa e significativa, que provoque sentidos.

Jaci, a filha da lua: uma proposta de Alforje de Histórias

Antes de iniciar a leitura do livro é muito importante que seja observado o espaço dedicado à leitura. Caso a turma seja numerosa e o espaço pequeno, com dificuldades para criar um círculo ou possibilitar que as crianças fiquem confortavelmente acomodadas, o professor pode aproveitar outro espaço da escola para que seja realizada a atividade, como embaixo de um cajueiro, na biblioteca ou no pátio da instituição. Também é possível formar pequenos grupos de alunos para ouvir. Para o Alforje de Histórias é desnecessário confeccionar fantoches, aventais e outros recursos externos e/ou acessórios, de forma que, a partilha aconteça cotidianamente e afastada de qualquer espetacularização, pois a proposta é inspirada na arte de contar histórias, que está pautada na arte ancestral, no potencial de credibilidade empregado pela palavra. Neste caso, prioriza-se o planejamento da leitura com o livro em mão e acredita-se no potencial e nos sentidos promovidos pelas palavras.

Fez-se a opção de detalhar e sugerir a realização de uma sessão de leitura, dentro dos pressupostos do Alforje de Histórias, a partir de uma obra infantojuvenil. A escolha apresenta-se, principalmente, como forma de sugestão para a realização da atividade por um educador interessado em viver a experiência, podendo acontecer independentemente de a escola realizar ou não a proposta do Alforje de Histórias.

Momento 1- roda de leitura

Com as crianças devidamente acomodadas, apresente a capa do livro *Jaci, a filha da Lua* (2015), da coleção PAIC Prosa e Poesia, escrito por Rosa Morena com ilustrações de Raisia Christina. Antes da leitura da história é fundamental ativar os conhecimentos prévios das crianças, perguntar se conhecem a obra e realizar a predição do livro. É importante criar expectativas acerca da leitura a ser partilhada, despertar a curiosidade para a obra e envolvê-las em uma atmosfera convidativa para a escuta. O professor necessita, antecipadamente, estabelecer, em seu planejamento, os objetivos da leitura. Uma indagação, a partir dos estudos da contadora de histórias Regina Machado (2015) é: “– Qual é a minha intenção ao ler este livro para as crianças?”.

No caso da leitura do livro *Jaci, a filha da Lua* (2015), a intenção é apresentar uma lenda indígena às crianças e iniciar um diálogo sobre narrativas de tradição oral de povos originários, sobre histórias que estão presentes na memória das pessoas mais velhas e sobre os enredos milenares dos contos que fazem parte do acervo de literatura oral. A capa do livro apresenta uma lua cheia azul e uma criança indígena com cabelos prateados. O professor pode cobrir o título da história e lançar perguntas sobre o que acham que ela revela. Um detalhe muito sutil, na capa, são os olhos da lua, também prateados. Após as inferências sobre a capa, sugere-se que o professor cante uma cantiga para anunciar a leitura da história ou toque um instrumento musical de origem indígena, como um maracá ou um pau de chuva, por exemplo.

Após a apresentação da obra, como um convite, sugere-se que inicie a leitura com destaque para recursos de intenção narrativa capazes de ampliar possibilidades de construções imagéticas por parte das crianças, a partir de acontecimentos e emoções presentes no texto. A história conta que uma jovem indígena, chamada Potira, ficou grávida, porém, sua gestação foi extremamente difícil, dolorida e com risco de morte. A natureza acompanhou o sofrimento dela, como observado no trecho: “Durante todo esse tempo, o medo invadia a tribo, a noite cobria os dias e as plantações definhavam. Do milho não nasciam boas espigas e os caçadores da aldeia embrenhavam-se na mata e não conseguiam trazer nenhuma caça” (MORENA, 2015, p. 10). Essas emoções de medo, dor, sofrimento, podem, perfeitamente, ser evidenciadas durante a leitura, por meio da entonação aplicada pelo professor.

Um grupo de curandeiros se reuniu para tentar salvar Potira e, conseqüentemente, a própria natureza. O mais velho dos pajés indica que a única solução é oferecer a filha de Potira à deusa Lua Grande; assim foi feito. A Lua Grande aceitou a oferenda, Potira não sofreu mais e a natureza se revigorou, para a alegria do povo indígena. A filha de Potira nasceu com os cabelos prateados, reluzentes como a Lua Grande. Seu nome é Jaci, uma homenagem à sua mãe do céu. A história apresenta um conflito, pois a Lua Grande também deseja cuidar da filha, levando-a da tribo aos nove anos de idade. Com a separação, Potira sofre e toda a tribo sente sua dor. O pajé conversa com a Lua Grande e entram em acordo: “Jaci ficaria seis meses com ela, a mãe do céu, e seis meses com Potira, a mãe da terra” (MORENA, 2015, p. 27).

Durante a leitura é importante que o professor observe as reações das crianças, o olhar do mediador acolhe e observa as reações dos apreciadores. A observação pode gerar uma espécie de retorno para que o mediador perceba se a leitura está promovendo interesse e impacto nos leitores. A leitura da história impõe um ritmo que não merece ser quebrado para explicar alguma palavra, descrever a ilustração, e ainda, ministrar discursos moralizantes. Se uma criança fizer comentários, o professor pode aproveitar para introduzi-lo no contexto da leitura, por outro lado, se considerar que o comentário não condiz com o momento, deverá dar continuidade e retomar a argumentação ao final da partilha. O comentário poderá ser levado para a roda de conversa durante o círculo de cultura. Caso o professor queira mostrar as ilustrações no momento da leitura, é importante garantir que todas as crianças apreciem as imagens.

Momento 2 - círculo de cultura

Finalizada a leitura, cante a mesma cantiga ou toque o instrumento musical. Ao encerrar, lance a seguinte pergunta para iniciar o círculo de cultura: “Na opinião de vocês, com quem Jaci deveria morar?” Mediar as respostas das crianças considerando todos os relatos significativos, faz parte do papel do professor mediador do círculo de cultura. O professor também poderá fazer conexões com as imagens da obra: as lágrimas de Potira também são prateadas, durante os rituais indígenas, geralmente, a Lua está na fase cheia, a relação da natureza e o sofrimento da indígena, a relação da lenda com as fases da Lua, entre outras possibilidades.

Por fim, explique que a lenda indígena faz parte de um conjunto de saberes transmitidos de geração a geração através da oralidade; que a literatura oral faz parte do patrimônio imaterial da humanidade, ou seja, é um bem cultural. Caso a cidade tenha nome indígena, apresente a lenda que nomeia o lugar onde vivem ou mesmo apresente outra lenda indígena que aborde, por exemplo, a relação do sol e a lua, favorecendo o movimento literário em que uma narrativa remete o leitor/ouvinte a muitas outras.

As lendas estão presentes na humanidade desde o princípio dos tempos, explicam ou revelam costumes de um povo. Torna-se muito interessante, por exemplo, buscar na cidade algum morador que conte lendas; trata-se de uma oportunidade para aproximar as

crianças das manifestações culturais locais, pois promove o intercâmbio entre as gerações e contribui para que a comunidade participe da rotina pedagógica das crianças. Todas essas ações são estratégias interessantes para a ampliação do repertório e para a expansão dos campos de experiência.

Considerações finais

O Alforje de Histórias vem contribuindo, de forma significativa, para a leitura literária nas instituições públicas do Estado do Ceará, em especial, para favorecer leitores engajados e interessados por literatura, principalmente por meio da promoção de discussões a respeito dos aspectos mais significativos de uma obra. Com o Alforje de Histórias, o professor é convidado a planejar suas leituras com antecedência, buscando favorecer a palavra lida em voz alta, aplicando elementos da linguagem oral que contribuam para a compreensão dos efeitos de sentido de um texto.

Durante as jornadas de formações realizadas nos anos de 2017 e 2018 identificou-se, por meio de discursos dos professores, que o Alforje de Histórias ressignificou a prática da leitura literária em sala de aula, principalmente, porque os momentos de narração de histórias costumavam ser confundidos com a produção de cenários, fantoches, dedoches e outros acessórios, sob o argumento da busca pela ludicidade, afastado do reconhecimento de que a língua pode tornar-se um recurso favorável à diversão. A partir da experiência com o Alforje, muitos professores relatam que a leitura em voz alta atinge a ludicidade buscada, bem como, ouve-se que o tempo dedicado à produção de objetos e cenários agora é ocupado para escolha e estudo de obras.

Com as discussões literárias promovidas no círculo de cultura, compreende-se que uma única leitura é capaz de impactar, de forma singular, diferentes leitores. A possibilidade da discussão ressignificou os registros que outrora eram limitados a fichas de leituras e resenhas. No círculo de cultura, as crianças aprendem a elaborar argumentos e defender seus posicionamentos, do mesmo modo que são ouvidas, constantemente são incentivadas a ouvir e respeitar opiniões e turnos de falas dos colegas.

Para organizar os círculos de cultura, o professor necessita pesquisar e buscar informações, no sentido de ampliar os campos de experiência das crianças. Nessas

pesquisas, ele entra em contato com diversas linguagens da arte, tais como: pintura, música, fotografias, cinema etc., ampliando, assim, suas próprias percepções de mundo e contribuindo para que as crianças também possam expandir seus repertórios, não somente sobre a arte, mas sobre as muitas dimensões que explicam e exploram a diversidade cultural do mundo.

Atualmente, o Alforje de Histórias está inserido no Ciclo de Leitura do MAIS PAIC, que antes estava destinado apenas aos adolescentes dos anos finais do ensino fundamental. Em 2019, o programa foi reformulado pela Secretaria Estadual da Educação do Ceará, sendo adicionado o 3º ano nas competências do Ciclo de Alfabetização, favorecendo atuações mais amplas com essa faixa etária. Porém, essa reformulação diminuiu, consideravelmente, a equipe do Eixo de Literatura e Formação do Leitor, limitando a continuidade e a ampliação do campo de atuação do Alforje de Histórias, como ocorrido nos anos de 2017 e 2018. Em 2019, a condição sanitária imposta pela pandemia do Covid-19, acabou por também fragilizar a atuação dos professores com o Alforje, mesmo ele tendo sido adaptado para o ambiente virtual.

Acredita-se que as sementes da leitura literária em sala de aula foram lançadas em todo o estado. Compreende-se que estimular o hábito da leitura e incentivar novos leitores, assim como a própria educação, é em um processo contínuo, demorado e que exige inúmeros esforços. E que, para se efetivar qualquer política pública de formação de leitores, em especial com crianças, inicialmente devem-se motivar os professores, visto que são eles que realizam as leituras literárias em sala de aula, ou seja, são os condutores da carruagem que leva ao encantamento.

Portanto, cada professor responsável por mediar a leitura literária em sala de aula deve carregar, simbolicamente, em sua memória, um Alforje de Histórias similar àquele que pertence ao Vento, personagem de Jorge Amado. O Vento deixava a Manhã embevecida com as suas histórias. Que os professores atuem como o Vento, voem e façam suas crianças voarem com boas histórias.

Por fim, a implantação do Alforje de Histórias tem apresentado significativa contribuição para o contato com o texto literário, favorecendo diálogos a partir das leituras partilhadas e enriquecendo aspectos de fruição das obras. Dessa forma, apresenta-se como forte contributo para a formação de leitores literários no Estado do

Ceará. Idealiza-se, por meio da sistematização dessas jornadas de leitura literária, que a palavra dialógica proposta pelo mestre Paulo Freire e a palavra encantada dos narradores ancestrais possam dar vida às palavras partilhadas pelos professores. Pode-se pedir ao Vento que empreste o conteúdo do seu alforje para que ecoem nas salas de aula as três palavras capazes de parar o Tempo: Era uma Vez... (CEARÁ, 2017).

Referências

AMADO, Jorge. **O gato malhado e a andorinha sinhá**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ERBO, Joseph (org.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167 – 212. Disponível em: <encurtador.com.br/agKUX>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <encurtador.com.br/blKQ7>. Acesso em: 15 out. 2020.

BAJARD, Élie. **Caminhos da aprendizagem, espaços de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRENNAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

CEARÁ. **Secretaria da Educação Estado do Ceará**. Regime de colaboração para a garantia do direito à aprendizagem: o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) no Ceará / Secretaria da Educação, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Fortaleza: SEDUC, 2012. Disponível em: <encurtador.com.br/chpwU>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CEARÁ. **Secretaria da Educação do Estado do Ceará**. Proposta do eixo de literatura e formação do leitor. Fortaleza: SEDUC, 2016.

CEARÁ. **Secretaria da Educação Estado do Ceará**. Agenda/guia com orientações para formadores e professores municipais. Fortaleza: SEDUC, 2017. Disponível em: <encurtador.com.br/uHUW9>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 113-158.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ITÁLIA. **Indicações Curriculares para a Primeira Infância**. Ministério da Educação, Universidade e Pesquisa. Setembro, 2007.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Reviravolta, 2015.

MORENA, Rosa. **Jaci, a filha da lua**. Fortaleza: SEDUC, 2015.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (orgs.). **Escola e leitura: velhas práticas, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 17-40.

Recebido em: 19/11/2020
Revisões requeridas em: 06/06/2022
Aprovado em: 10/07/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 23 - Número 52 - Ano 2022
revistalinhas@gmail.com